

A experiência da troca como questionamento do corpo

Vivian Herzog

Brasil, artista visual. Mestrado em Poéticas Visuais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre. Graduação em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), Pelotas, RS. Professora, Centro de Artes da UFPEL, Pelotas, Rio Grande do Sul.

Artigo completo submetido em 5 de setembro e aprovado em 19 de setembro de 2011.

Resumo Partindo do trabalho intitulado “Leve-me” da artista brasileira Carolina Rochefort temos certos questionamentos que nos fazem perceber o trabalho como uma sucessão de etapas que se sobrepõem a um produto final coeso. A proposição de partilhar uma impressão feita a partir da palma da mão da artista nos leva a pensar nas trocas estabelecidas entre sujeito e propositos desmanchando distâncias e hierarquias, considerando que o trabalho se dá a partir dessa imbricação.

Palavras-chave corpo, impressão, proposição, troca, partilha.

Title *The Exchange experience as a questioning of the body.*

Abstract Building on the work titled “Take-me” by Brazilian artist Carolina Rochefort certain questions arise that make us perceive the work as a succession of steps that overlap in a cohesive final product. The proposition of sharing a printout from the palm of the hand of the artist leads us to think of the changes made between subject and dismantling proponent distances and hierarchies, considering that the work starts from this overlap.

Keywords body, imprint, proposition, Exchange, sharing.

Leve-me e a possibilidade da troca

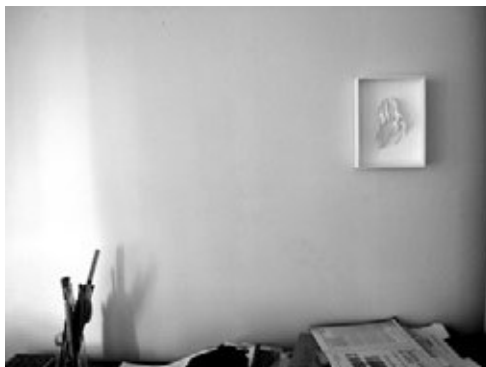
Este artigo parte de algumas considerações expostas por Suely Rolnik relacionadas ao trabalho da artista brasileira Carolina Rochefort (n. 1980, Pelotas, RS) intitulado *Leve-me* (Figuras 1 e 2). No texto *Subjetividade em obra, Lygia Clark artista contemporânea*, Rolnik (2002) coloca que certas práticas contemporâneas problematizam aspectos da vida cotidiana, pois atuam diretamente na materialidade do mundo. *Leve-me* é um trabalho que age como um convite a trocas e a percepção do corpo não necessariamente material, mas sensivelmente potente, transformável. Trata-se de uma impressão feita a partir da palma da mão da artista que é distribuída a certo número de pessoas. Ela pede que esses partici-

pantes retornem com registros, e/ou comentários sobre a existência do trabalho em suas habitações, passando assim, a serem colaboradores/participantes. As pessoas convidadas que recebem o trabalho são próximas da artista, fato que reforça o desejo da troca e de uma comunicação mútua estabelecida através do trabalho. Segundo a mesma: "*Leve-me* diz do desejo de permanência, do que se mantém em suspenso e ao mesmo tempo, pode ser refeito a cada encontro" (Rochefort, 2010: 59). *Leve-me* é feito a partir da mão da artista que tem suas marcas impressas no alginato (material de uso dentário que é utilizado para imprimir marcas e realizar moldes). A experiência docente da artista no Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas é marca visível em seu trabalho que aponta para a prática em atelier como um fazer partilhado em que o processo e a experiência se sobrepõem a um resultado único e fechado.

A forma ou contra forma obtida através de vestígios do corpo da artista é apresentada em pequenas caixas brancas abertas, que convidam o sujeito a guardá-las como uma espécie de fragmento. Este fragmento aponta para uma presença anterior de um corpo, ao mesmo tempo em que dá a perceber sua ausência. Assim, presença e ausência são oscilantes e instáveis. Didi Huberman no livro *O que vemos o que nos olha* (1998) fala sobre a proximidade e distância expostas por algo que oscila entre o estar presente e o seu possível desaparecimento. Guardar algo é uma tentativa de aproximar-nos. Paradoxalmente nos aproximamos em situações de um iminente desaparecimento. Segundo o autor: "[...] a noite revela para nós a importância dos objetos e a essencial fragilidade deles, ou seja, sua vocação a se perderem para nós exatamente quando nos são mais próximos" (Didi-Huberman, 1998: 99). A noite quando as coisas parecem desaparecer aos nossos olhos, percebemos a proximidade e a necessidade de vê-las próximas justamente porque escapam ao nosso domínio.

1. O desejo de guardar, o corpo e o desaparecimento iminente

Afinal que corpo é esse que a proposição *Leve-me* parece apresentar? Carolina propõe a idéia de um corpo mutável transformável, desejante e desejável. O corpo do qual se discorre, vai ao encontro daquele que Maria Rita Kehl (2004) denomina como sendo o corpo que vive, sofre, que se comunica e estabelece trocas com o meio circundante. Essas trocas são como possibilidades de experiências. A experiência é a chave para entender as trocas estabelecidas entre os sujeitos. Trata-se de um corpo fenomenológico que existe e se mostra quando é colocado em relação a outros corpos, a outros sujeitos. Rolnik (2002) nos fala desse corpo através dos trabalhos de Lygia Clark que ao mudar as relações entre sujeito propositor e participante possibilita instaurar mundos, transformar relações cotidianas. "O mundo liberta-se de um olhar que o reduz às suas formas constituídas e sua representação, para oferecer-se como matéria trabalhada pela vida enquanto potência de variação [...]" (Rolnik, 2002: 04).



Figuras 1 e 2 *Em cima: Leve-me.* Alginato sobre caixa branca, 20 × 15cm. Carolina Rochefort, 2009/2010. Fonte própria.
Em baixo: Leve-me. Alginato sobre caixa branca, 20 × 15cm
 Carolina Rochefort, 2009/2010.

Desse modo não existe um objeto final como resultado de uma prática é a prática como um todo que aponta para o sentido latente de transformação. O cenário de apresentação do trabalho se modifica ao pensarmos que é o registro da existência dele em meio a casa, a habitação que o faz existir e ter sentido. O espaço da galeria dá lugar às habitações, aos relatos de sua existência.

As trocas estabelecidas através de *Leve-me* podem ser consideradas a partir do viés da fenomenologia quando Merleau-Ponty (2006) expõe que o mundo fenomenológico não é um ser puro ele é, “[...] o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de uma nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade, [...]” (Merleau-Ponty, 2006: 18). *Leve-me* é feito de uma impressão vestigial carregada de marcas de um corpo que se transforma e é transformado na relação com o mundo. Ao ser entregue a diversas pessoas o trabalho passa a falar dessas transformações do ser instável que somos.

Conforme a artista: "A impressão assume uma função de testemunho. No movimento entre aquilo que fica e aquilo que atravessa. Algo que nos olha e nos toca potencializando a memória, refazendo, inventando. Olhar tátil, desejante" (Rochefort, 2010: 125).

Conforme Maria Rita Kehl (1990), é o desejo que nos move; se desejamos, vivemos. É a fome do mundo que nos move; é ela que nos faz desejar. E se desejamos, prosseguimos. No entanto, esse sujeito que prossegue não é um ser centralizado. Segundo Tania Rivera: "O sujeito se vê ele mesmo despedaçado, retirado de sua posição central" (Rivera, 2009: 52). Ele busca, no coletar, coisas que são descartadas como uma aproximação, um desejo de composição. Compor o mundo e seus afetos, juntar fragmentos de corpos, deixar-se levar por eles é de certa forma manter o desejo vivo, desejo de propagação de vida, de continuação.

Por fim, o trabalho discute não apenas o objeto artístico que passa a ser uma proposição, uma parte do processo e experiência, cuja troca é o ponto imaterial e elementar. *Leve-me* nos convida a pensar também sobre quais seriam os limites entre propositor, obra e participante. Existem limites? Eles são necessários? O que resta da relação entre proposta, propositor e participador? Afinal o que é uma troca? O que está implícito nela? Não se pode medir ou quantificar o que fica de um encontro, de uma troca. Pode haver equivalências ou discrepâncias entre as partes envolvidas, porém o que está em jogo consiste justamente em não medir resultados, mas apegar-se ao que se dá no processo do viver, na experiência da partilha, de deixar levar algo tão singular e universal como a marca do corpo de alguém. E o que parece impulsionar e dar vida a esse processo está contido justamente naquilo que por vezes não é denominável. Como dar nome a uma sensação de ter um fragmento do corpo de alguém e que remete ao meu? Chegamos então em um ponto onde reside a sua força: sua impressão, marca, irradia um conjunto de perguntas que fazem pensar num eu que é um nós e nas trocas possíveis que podem ser estabelecidas através dessa percepção.

Referências

- Didi-Huberman, Georges (1998). *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34. ISBN:85-7326-113-7.
- Kehl, Maria Rita (1990). *O desejo da realidade: o desejo*. São Paulo: Companhia das Letras. ISBN:85-7164-003-3.
- Kehl, Maria Rita (2004). "Três perguntas sobre o corpo torturado." In: Keil, M. R. Tiburi, I. (Org.). *O corpo torturado*. Porto Alegre: Escritos. ISBN: 8598334022.
- Rivera, Tania (2009). "O retorno do sujeito e a crítica na arte contemporânea." In: Ferreira, G; Pessoa, F. (Org.) *Criação e Crítica*. Seminários internacionais Museu do Vale. ISBN: 978-85-60008-10-0
- Rochefort, Carolina (2010). *O contato como paradigma para as imagens impressas do corpo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Rio Grande do Sul.
- Rolnik, Suely (2002). *Subjetividade em obra: Lygia Clark, artista contemporânea*. Disponível em: www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/suely%20rolnik.htm. Acesso em: 5 mar. 2011.

Contatar o autor:
vivianherzog@gmail.com